

Comunicações — Sessão 3

Dançando nas margens do Manzanares: A Dança no Século XVIII

Gabriela Mavignier Dacio¹, Raissa Caroline Brito Costa² e
Márcio Leonel Farias Reis Páscoa³

Resumo:

O estudo iconológico da dança constitui uma rica fonte de informação para pesquisa da história, da cultura, e dos costumes de terminada época. A dança foi fonte de inspiração para diversos artistas, nos mais variados tipos de manifestações artísticas. Francisco José de Goya y Lucientes, pintor e gravador espanhol nascido em Fuendetodos, Saragoça, um dos grandes mestres da pintura espanhola e da gravura mundial dos séculos XIX e XX, pintou a obra *Baile a orillas del Manzanares* (1777), localizada atualmente no Museo del Prado (Madrid). O presente estudo pretende através da iconologia, estabelecer a relação entre imagem, dança e elementos musicais, investindo no reforço de informações sobre a autoria, local e data de execução, consolidando assim a análise da imagem. A essência da obra de arte, e conseqüentemente do seu estudo, não repousa em sua obra finalizada, mas sim no processo que a constitui. A identificação de estruturas, relações entre personagens e ambiente e movimentações corporais é um processo misterioso de revelação, que mostra não apenas formas de composição da obra pictórica da dança e da música no século XVIII, mas também a composição de uma sociedade que tem a arte como formadora de seus cidadãos.

¹ Discente do Programa de Pós Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. Docente da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Amazonas e Secretaria Municipal de Manaus.

² Discente do Programa de Pós Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas. Docente da Universidade do Estado do Amazonas.

³ Docente do Programa de Pós Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas.

A dança e Francisco José de Goya

Parente dos gestos mais elementares da vida, a dança sempre permitiu ao homem sentir o ritmo e construir ritos. Dançar era, ao mesmo tempo, viver, celebrar, construir, desejar. Nos rituais pré-históricos, era uma das principais formas de expressão e de aproximação dos Deuses. Durante toda a história humana, a dança esteve presente, sendo considerada divina ou maldita, mas sempre fazendo parte da vida cotidiana de sociedades mais diversas.

A dança enobrecer de tal forma que os passos, os movimentos tornaram-se tão numerosos quanto as palavras, encadeando assim, a tradução de situações e estados de alma através do corpo. Utilizando as palavras, as percussões e notas musicais como acompanhamento, a dança apoderou-se da música. Esta união foi tão perfeita que se tornou agradável para o homem participar dessa harmonia, independente se fosse sozinho, com uma parceria ou mesmo em grupo. Durante toda a história de sua evolução, a dança envolveu a sociedade como um todo, tendo seus momentos de ápice.

A movimentação corporal, seja esta para contemplação ou divertimento, muitas vezes foi utilizada como fonte de inspiração para composições artísticas, como é o caso de Francisco José de Goya y Lucientes, pintor e gravador espanhol nascido em Fuendetodos, Saragoça, um dos grandes mestres da pintura espanhola e da gravura mundial dos séculos XIX e XX.

Goya foi encarregado de pintar a primeira série de cartões, de um lote que acabaria em 60 pinturas (1792), para a Real Fábrica de Tapeçarias de Santa Bárbara, um trabalho dirigido pelo artista alemão Anton Raphael Mengs, um dos expoentes do neoclassicismo e diretor artístico da corte espanhola, com o título de Primeiro Pintor da Câmara. Em 1799 foi nomeado primeiro pintor da corte, momento em que atingiu o auge do prestígio, e ficou no cargo até quando o trono foi ocupado por José Bonaparte, em 1808.

Academias de arte, segundo Goya, não deveriam ser privadas, sem fixar pré-requisitos, e sim assistir livremente aqueles que desejam estudar neles, dando liberdade para aquele que estuda arte. Para Goya não poderia haver regras na pintura, uma arte mais perto do real. Assim, estabeleceu relação com a pintura das manifestações populares, o cotidiano e costumes que caracterizavam a vida da aristocracia, sendo a dança manifestação comum para divertimento e exibição da vida popular.

Dançando nas margens do Manzanares

Dentre a série de pinturas de Francisco de Goya encontra-se a obra *Baile a orillas del Manzanares* (1777), localizada atualmente no Museo del Prado (Madrid).



Figura 1. Francisco José de Goya y Lucientes - Baile a orillas del Manzanares (1777) Museo del Prado (Madrid)⁴

A obra *Dançando nas margens do Manzanares* (figura 1), sendo esta a tradução do título original, apresenta um céu azul com nuvens utilizando-se de cores em tons pastéis, com auxílio da luminosidade ao fundo da tela é possível perceber o momento do dia em que as figuras humanas se encontram, trata-se por

⁴ Disponível em: <http://www.wikipaintings.org/es/francisco-goya/dance-of-the-majos-at-the-banks-of-manzanares-1777>

tanto de uma cena ao entardecer, momento que o sol está se pondo. A direção das folhas, e dos galhos da árvore em diagonal, sugere ainda que existe uma brisa no ambiente.

Duas construções colocadas no quadro podem ser identificadas, no canto esquerdo da tela, um monumento com capitólio e outros menores (figura 2), identificam a existência de uma cidade e situam a cena em local afastado do centro urbano. No canto direito da tela, observa-se uma casa mais simples (figura 3), cercada por vegetação abundante, o que fortalece a ideia de se tratar de um ambiente mais campestre deste lado da cena retratada.



Figura 2 e 3. Recortes dos cantos esquerdo e direito da obra *Baile a orillas del Manzanares* (1777)

O local foi identificado através da descrição de Goya na pintura. A cúpula que é vista no lado esquerdo na pintura (figura 2) é a Igreja San Francisco el Grande, que encontra-se perto do Palácio Real, e à direita do outro lado do rio, a casa de campo (figura 3). Capilla (2001)⁵ afirma que Francisco Sabatini, o arquiteto do rei, que havia liderado os trabalhos de construção da Igreja, foi o então supervisor da Real Fábrica de Tapeçarias, por isso conclui-se que a inclusão da silhueta da basílica na foto não foi totalmente acidental.

⁵ CAPILLA, Susana Calvo. Com gracia y salero. Disponível em: <http://cvc.cervantes.es/el_rinconete/antiores/julio_01/24072001_02.htm> Acesso em 15 de Jun. 2013.

Acredita-se que a casa campestre (figura 3) seja *La Quinta Del Sordo*, que traduzindo para o português, é chamada “A estadia do Surdo”, visto que seu primeiro proprietário fora um deficiente auditivo, esta, também foi a última casa de Goya em Madri, e sua única propriedade, uma vez que a localização de sua casa era à margem direita do rio Manzanares.

No que diz respeito a figuras humanas, em pé existem dois casais que encontram-se com os braços abertos, uns de frente para os outros. As cores usadas por Goya são muito vivas, o que representa a riqueza dos trajes das pessoas. A indumentária nos permite uma interpretação histórica, tecnológica, econômica, etnológica e simbólica. Dessa forma, por meio de signos adquirimos a noção da posição do indivíduo no mundo e sua relação com ele.

A vestimenta constitui uma expressão cultural, que distingue, destaca, inclui e exclui indivíduos dentro de um grupo e da sociedade. O modo de vestir propicia identidade na medida em que o indivíduo expressa a si mesmo e o seu contexto social através da roupa de cada dia, demonstrando aos outros sua singularidade e sua identidade social, simultaneamente.

As roupas das mulheres e homens que estão dançando no círculo tem cores fortes, como azul e vermelho, apresentando características de tecidos nobres, com detalhes em dourado. Os vestidos das senhoras usados com anquinhãs, armações de lâminas de bambu, barbatana ou aço presas por tiras e correias, costumavam ter de cinco a seis metros de circunferência no seu arco mais baixo e o mais alto três metros. Embora em termos gerais os espartilhos tenham sido considerados inalterados, eles agora eram fechados atrás e não mais na frente.

A indumentária masculina tinha como estrutura um casaco (*justaucorps*) ajustado na cintura, coletes bordados, calções extremamente justos, lenços originados das golas da chemise, muito volumosos, no pescoço, perucas menores que as do século XVII, e meias que chegavam por cima dos joelhos.⁶

Em suas obras, Goya busca aproximar as classes sociais, colocando personagens com vestimenta mais rústica, como a do casal sentado às margens do rio, e o homem que toca guitarra aos nobres. Existem ainda vários restos de casacos e chapéus em primeiro plano.

⁶ KÖHLER, Karl. **História do vestuário**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

Nas mãos, os homens seguram algum elemento, que acredita-se ser castanholas, instrumento este que serve para o acompanhamento da dança. A castanholas é um instrumento de percussão criado pelos fenícios há três milênios que foi introduzido nos demais países do Mediterrâneo através do comércio marítimo desenvolvido por esse povo. Na Espanha tornou-se um instrumento nacional. Nos países latino-americanos e onde eles são utilizados para a sua finalidade original que acompanha a dança, eles consistem em dois pares de pequenas peças em forma de taça rasa de madeira especial, geralmente castanha. Cada par é perfurado para receber um cordão ornamental que é mais comumente enrolado em volta do polegar. Os casais geralmente diferem ligeiramente em campo: quanto menor é chamado de macho (masculino) e maior hembra (feminino). A dupla de maior sonoridade é normalmente realizada na mão direita. Os copos de pendurar para baixo e são manipulados pelos dedos.⁷

Atrás dos dois casais centrais que encontram-se de pé, às margens do rio, sentados apresentam-se uma mulher e um homem que parecem estar conversando. No canto inferior esquerdo, em primeiro plano, um outro homem sentando toca um instrumento musical, o bandolim, sendo acompanhado pelas palmas do rapaz ao lado, enquanto a mulher observa a cena e o outro toca um instrumento de corda, a guitarra. Os cantos de moda deste período eram as seguidillas, o bolero, e os fandangos, acompanhados de guitarra e bandolins, instrumentos de ascensão na época.

Os guitarristas de Goya mostram como o pintor conhecia o instrumento, fato este, raro entre os pintores. Nos três exemplos⁸ que seguem, de acordo com o posicionamento exato dos dedos dos músicos nos instrumentos, é possível de reconhecer os acordes que tocam cada um dos guitarristas. (Figuras 4, 5 e 6)

O que é mais impressionante sobre esta cena é o realismo com que é pintada, dando a impressão que o espectador faz parte da festa e pode ser integrado ao ambiente e situação a qualquer hora. Os personagens estão em movimento, como se fossem escapar da tela. O fato de que a composição forma um círculo aberto, apresenta a intenção do artista de introduzir o espectador à dança. Os efeitos de luz mostram a bela paisagem à distância.

⁷ Blades, James; Holland, James. *Castanets*. *Grove Music Online*. *Oxford Music Online*. Oxford University Press, 2013. Disponível em: <http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/grove/music/05116>. Acesso em: 20 jun. 2013.

⁸ Recorte das três obras disponível em: http://elafinadordenoticias.blogspot.com.br/2012_10_07_archive.html. Acesso em: 20 jun. 2013.



Figuras 4, 5 e 6. Recortes da obra *Baile a orillas del Manzanares* (1777)

As seguidillas

De acordo com o período histórico em que a pintura foi realizada, e a descrição do próprio artista, a dança representada pelas personagens seria a seguidilla.

Según su propia descripción lo aquí representado es un baile a orillas del Río Manzanares; dos Majos y dos Majas que bailan seguidillas, y otros dos que hacen Música, uno de ellos canta con la guitarra, otro acompaña con una bandurria y otro, en el mismo término, que con las manos lleva el compás... (Capilla, 2001)

A dança é executada por pares, onde braços e os corpos dos bailarinos se movem com graça enquanto o sapateado responde ao ritmo da guitarra, castanholas ou pandeiro. Uma das características da dança é a técnica de "congelar" os dançarinos no final de cada estrofe, enquanto os instrumentos apresentam a próxima frase.⁹

No livro *Compendio das principais regras de baile* (1820), traduzido do francês para o espanhol por Antonio Cairon, que não só traduziu, mas enriqueceu com explicações sobre métodos de se executar a maior parte das danças conhecidas na Espanha, afirma-se que a Seguidilla muito se parece com o bolero, uma dança espanhola célebre e graciosa, e é talvez a mais difícil que se tenha inventado,

⁹ SEGUIDILLA. Grove Music Online. Disponível em: < http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/grove/music/25331?q=seguidillas&search=quick&pos=1&_start=1#firsthit > Acesso em 19 de jun. 2013.

já que se pode executar tantos passos baixos como altos, mostrando a desenvoltura do corpo, a habilidade de acompanhar as castanholas, e as graças naturais daquele que a dança.

Lo que llamamos Seguidillas manchegas ES sin diferencia alguna lo mismo que El bolero, pues consta de las mismas pisadas, de los mismos estrivillos, y bien parados, y todo se ejecuta en El mismo género de combinación, y em igual número de compases Del mismo tiempo de três por cuatro. Solo La diversidad que tiene, ES únicamente La de bailarse las manchegas com mayor precipitacion, y El serles mas características las mudanzas simples que las dobles. (Cairon, p.113-114, 1820)

O bolero, tendo a Seguidilla como sua variação, tornou-se hábito naquele século, e também depois dele – tanto que é dançado até hoje em vários países, não necessariamente respeitando o seu modelo original. Normalmente é dançado por casais, com o ritmo marcado pelas castanholas, palmas das mãos, estalos dos dedos e batidas dos pés, enquanto a velocidade dos pés aumenta gradualmente.

A serenidade nos passos e mudanças difíceis é a primeira coisa que se deve observar nesta dança, o bailarino não pode demonstrar esforço e contorções para executar qualquer passo, sua execução deve ser suave e vistosa, o que apresenta as duas senhoras na obra, com semblante tranquilo, exprimindo graciosidade e serenidade durante a dança.

Considerações finais

Goya realizou retratos de personagens da corte espanhola, que começaram com o quadro do Conde de Floridablanca (1783), continuando com o retrato de “Carlos III, caçador” e que terminam com os quadros oficiais do novo rei, Carlos IV, e rainha, Maria Luísa (1789). Retratos em poses convencionais, mas de uma elegância que os relaciona com os retratos de Velasquez. A relação das manifestações artísticas entre si resultou em obras como a *Baile a orillas del Manzanares*, apresentado a dança como elemento do cotidiano da sociedade no século XVIII.

A essência da obra de arte, e conseqüentemente do seu estudo, não repousa em sua obra finalizada, mas sim no processo que a constitui. A identificação de estruturas, relações entre personagens e ambiente, e movimentações corporais é um processo misterioso de revelação, que mostra não apenas formas de composição da obra pictórica da dança no século XVIII, mas também a composição de uma sociedade que tem a arte como formadora de seus cidadãos.